

## Narrativas de Vida: Questões Raciais

### Introdução

As obras literárias brasileiras colocaram durante muito tempo o negro estereotipado de várias maneiras (BANDINO, 2021). De vítimas, de malandros, a mulheres que levam homens à loucura pela beleza erótica que mostram. E, por outro lado, para além de serem personagens, os negros e negras também ficaram no ostracismo como autores e autoras da e na literatura brasileira. Mais ainda, alguns foram branqueados como é o caso de Machado de Assis. Apesar de vasta representação populacional, negros e negras continuam desaparecidos das páginas da literatura, mesmo na contemporânea, assim como as publicações, por ausência de divulgação, de autores negros e negras é bastante escassa. Em que pese a grandeza, por exemplo, da obra de Conceição Evaristo (2021), a autora passou a ser de fato reconhecida e estudada depois de conseguir algumas façanhas como candidatar-se à vaga para a Academia Brasileira de Letras, em 2018, embora preterida pelo cineasta Cacá Diegues, cujo mérito não se discute, mas mostra como ainda o preconceito impera. A autora é um de tantos exemplos de escritora negra que emergiu com dificuldades financeiras advinda de família pobre. Para poder estudar, Conceição Evaristo foi inclusive empregada doméstica o que também não tira o mérito da digna profissão. Mestre e doutora pela Universidade Fluminense, conseguiu o que poucas, principalmente mulheres, conseguem. Já estivera antes, em 2017, na FLIP Feira Literária de Paraty, e a mesa na qual participou fez estrondoso sucesso e ovação.

Como essa antecessora, uma outra mulher, contemporânea, Carolina Maria de Jesus, aqui neste artigo estudada, quase 60 anos antes, descoberta casualmente pelo jornalista Audálio Dantas, não teve a mesma trajetória e permaneceu para sempre ligada à década de 60 com seu *Quarto de Despejo* (2020). Carolina apenas conseguiu sair da favela para uma casa simples e, tão logo várias questões administrativas aconteceram, ela se viu, apesar de tanto sucesso, a continuar catando papel. O mérito da trajetória de Carolina Maria de Jesus é ter se tornado – ou terem-na considerado – a primeira mulher negra da literatura brasileira, ao menos a primeira a ser reconhecida como tal. Entre Carolina e Conceição Evaristo há pouco hiato de tempo, mas o fato de Conceição ter alçado voos acadêmicos pode tê-la ajudado em ascensão literária.

Nesse percurso, é que o objetivo deste artigo será fazer uma análise comparativa de duas obras literárias. Uma é o percurso de Carolina Maria de Jesus há 60 anos com seu *Quarto de Despejo* (2020) e outra é a repercussão em 2020 da obra de José Falero, *Os supridores*. Dentro dessa análise comparativa, a pergunta que fazemos é a mesma que nos faz pensar nas, embora muitas, reflexões sobre o racismo no Brasil e o como isso tudo aparece – ou desaparece - nas

obras de autores e autoras negros. Essa é a hipótese que se descortina: passados tantos anos a situação literária, a literatura com personagens negros e autores e autoras negros, não parece tomar um rumo diverso. As narrativas dos dois autores apontando horizontes sociais dos lugares em que vivem não teria mudado. A análise comparativa e social dará esses elementos na fala autobiográfica de Carolina, uma narrativa de vida, e na fala de Falero, em ficção literária de jovens trabalhadores de um supermercado. E, nesse sentido, ouvir também as recentes falas de escritores contemporâneos como Paulo Scott, Jeferson Tenório e Itamar Vieira Júnior.

### ***De Quarto de despejo a Os Supridores***

Como já apontamos, a obra *Quarto de Despejo*. Diário de uma favelada é o grande livro dos anos 60 a tratar das questões graves sociais do mundo contemporâneo em grande parte das favelas brasileiras. Embora o jornalista Audálio Dantas (1993), no prefácio à obra, aponte que tenha modificado algumas frases para melhor compreensão do texto, a escritura de Carolina é sintética e aparece exatamente sob forma de diário. São anotações que vão de 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960. Logo depois, o material seria publicado em livro pela Francisco Alves e antes disso apareceu em matérias na Folha da Noite em 1958 e na revista O Cruzeiro em 1959. Há uma polêmica recente sobre ter Audálio descoberto Carolina. A ironia desse descobrimento pode ser percebida no trecho abaixo retirado da Revista Quatro Cinco Um (2021, p. 22):

A escritora foi “descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas, na década de 1950. Carolina estava em uma praça vizinha à comunidade, quando percebeu que alguns adultos estavam destruindo os brinquedos ali instalados para as crianças. Sem pensar, ameaçou denunciar os infratores, fazendo deles personagens do seu livro de memórias. Ao presenciar a cena, o jovem jornalista iniciou um diálogo com a mulher que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indignação e o dia-a-dia (*sic*) do Canindé. Dantas de imediato se interessou pelo “fenômeno” que tinha em mãos e se comprometeu em reunir e divulgar o material.

Há uma grandeza nesse diário que é não apenas o relato miserável de um sofrido cotidiano, mas a metalinguagem explícita da narradora em primeira pessoa que explica também o processo de escritura como, por exemplo, aparece abaixo em que a autora – e isso acontece em outras passagens – deixa claro ao leitor que acordava cedo para escrever, antes da labuta diária, e a natureza dava-lhe alento. Nota-se, inclusive, o uso de uma perífrase para apontar o sol. A poética cede lugar à gramática já que não havia um entendimento da parte dela sobre o uso da crase, nesse caso:

20 de julho - Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. (JESUS, 2020, p. 21)

Há uma constância no uso de expressões pouco usuais e que contrasta com o que se considera um erro gramatical nessa escritura. O que se percebe é um esforço de transformar aquele dia a dia em aura de literatura exatamente como a autora percebia nas leituras que fazia. E ela sempre lia, a despeito das pessoas da favela que, por isso, a consideravam orgulhosa no sentido pejorativo que a palavra implica ter. Significa pensar que Carolina tinha a noção da diferença estabelecida entre as pessoas comuns e os escritores. No exemplo abaixo há uma sequência de uso verbal seguida de pronomes exatamente como prediz a gramática, em forma de ênclise. É o primeiro registro nesse diário conforme foi publicado:

15 de julho – [...] Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe! (JESUS, 2020, p. 11)

Já se percebe aqui a presença constante da perífrase para sol, elemento marcante para a autora, uma espécie de eixo criador, do início do dia, dos pensamentos de boas coisas. O uso desses verbos, “abluir”, “aleitar”, marcam o que dissemos anteriormente, uma busca de significantes poéticos para a escritura. O fato de termos os equívocos como a ausência da crase ou o uso de “deslisava” com *s* passam de fato sem importância diante da beleza e da vontade de transcrever a miséria como poesia. A miséria revela-se na dureza do constante trabalho que lhe desperta no pedido da filha para que cumpra seus afazeres. A marca cronológica de uma época, além das datas, aparece com o uso – constante em sua narrativa – de “melhoral”, a metonímia para comprimidos que aliviam dores.

São muitas as dores relatadas, principalmente aquelas que se referem à ausência de dinheiro para as mezinhas coisas da vida como comprar o pão, colocar feijão no prato, ter alguma proteína para completar o almoço. Quem dera tivesse dinheiro para o que fugia ao básico:

Quando eu estava no ponto do bonde a Vera começou a chorar. Queria pastéis. Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para o bonde e 8 para comprar carne moída”. (JESUS, 2020, p. 50).

A passagem mostra bem a dura situação da família, mãe e filhos, ainda que diariamente ela saísse para catar papel, sua profissão. Nota-se também no trecho a presença do transporte da época, o “bonde”, assim como das cédulas de “cruzeiros”. Essa moeda substituiu o mil-réis e vigorou até 1967. Por conta da inflação logo foi substituída pelo Cruzeiro Novo. De fato, por

toda a narrativa, a dificuldade financeira de Carolina mostra o quanto havia a desvalorização da moeda e isso causava ainda mais danos à família, a muitas famílias na favela e fora dela.

As questões da racialidade estão por toda essa narrativa de vida já a partir de sabermos que Carolina de Jesus era negra. No entanto, nesse diário pouco se vê se a autora sofreu preconceitos pela cor. Os relatos referem-se muito mais às graves questões financeiras, como vimos. Na passagem abaixo, significativa, a questão aparece com um relato que revela a situação de como são tratados os negros à época e, infelizmente, agora:

A favela hoje está quente. Durante o dia a Leila e o seu companheiro Arnaldo brigaram. O Arnaldo é preto. Quando veio para a favela era menino. Mas que menino! Era bom, iducado, meigo, obediente. Era o orgulho do pai e de quem lhe conhecia.

- Este vai ser um negro, sim senhor!

É que na África os negros são classificados assim:

- Negro tú.

- Negro turututú.

- É negro sim senhor!

Negro tú é o negro mais ou menos. Negro turututú é o que vale nada. E o negro Sim Senhor é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro turututú depois que cresceu. (JESUS, 2020, p. 51)

A questão racial é vista de acordo com o comportamento do negro. Se educado, meigo e obediente é considerado inclusive como de alta sociedade. No entanto, o negro alcóolatra, estúpido ou pornográfico transforma-se, como o Arnaldo, em “Negro turututú”. Marcante essa colocação porque ser obediente, meigo e educado revelam a servidão. Aquele negro assujeitado como tantos que se poderia citar, aqueles de “alta sociedade”, aqueles que diferentes dos desajustados jamais poderiam ser considerados como cidadãos. Recorrente na fala de Carolina, inclusive, o porquê procura a literatura, lendo e escrevendo, como se – e de fato isso acontece – assim haveria reconhecimento do negro. Dela, inclusive. Sabemos, no entanto, que Carolina consegue tão somente sair da favela para morar em bairro periférico e tão logo conseguiu fama e dinheiro emprestou somas a tanta gente que se viu às voltas novamente com dificuldades financeiras. Uma história um pouco diversa da de outra escritora, como já apontamos, Conceição Evaristo, que talvez não tenha ganhado tanto dinheiro, mas conseguiu por meio de atuações acadêmicas uma vida sem tantos sobressaltos. Em ambas, as escrituras revelam agruras em questões financeiras. O fato marcante, no entanto, é a dignidade de ser mulher negra. O respeito aos direitos da mulher, da mulher negra, é a vida mais digna no sentido já apontado como direito à educação, direito à alimentação, direito à moradia; enfim, direitos a que Carolina pouco teve acesso. Digamos que Conceição Evaristo teve acesso a esses direitos e por eles soube lutar.

E então estamos na hipótese deste artigo, ou seja, esses direitos continuam vilipendiados. Ser digno passados 60 anos dessa narrativa de Carolina Maria de Jesus. Ser reconhecido literariamente e ter na literatura expressão para além das narrativas em que negros são empregados em funções consideradas menores. Muitos e muitas são os autores negros, como já apontamos, que nestes anos 2021 assumiram a narrativa e tiveram publicações em excelentes editoras. Citamos anteriormente alguns. Alguns, inclusive, com sucesso arrebatador na mídia como é o caso de Itamar Vieira Junior (2018) com seu *Torto Arado* em que a narrativa gira em torno de uma família de humildes trabalhadores rurais descendentes de escravos. Uma denúncia também sobre a luta pelo direito à terra. A mesma luta de Carolina por direito a uma casa, o que enfim conseguiu ter, à dignidade de ver retratada essa família em *Torto Arado* com, apesar da luta, a grandeza da história desses descendentes da escravidão com tributos à religiosidade, inclusive.

Para o intuito deste artigo, a escolha recaiu sobre o escritor José Falero, nascido em 1987, muito tempo depois de Carolina de Jesus, muito tempo depois da publicação de *Quarto de Despejo*. A dignidade a que vimos mencionando está presente na fala de Jeferson Tenório (2020), ele também autor contemporâneo, a Falero, em “orelha” à obra *Os Supridores*:

A justiça em *Os supridores* passa por uma ética baseada na integridade humana, no direito a existir com dignidade, custe o que custar. A tensão que se estabelece na construção de diálogos duros, inteligentes e irônicos põe o leitor num estado de alerta e cumplicidade diante dessa empreitada. (TENÓRIO, 2020, orelhas)

Esse primeiro romance de Falero não é um diário como a obra aqui comentada de Carolina Maria de Jesus. Dessa maneira, não se poderia dizer que o relato é exatamente autobiográfico como o de *Quarto de Despejo*. A denúncia social da pobreza, sim, nas duas obras está presente. A narrativa de Falero nessa obra é em terceira pessoa, mas há um fluxo contínuo entre o narrador e os personagens a um ponto em que parece a ambos essa fala narrativa, há um narrar de autoficção semelhante à narrativa de Pedro Almodóvar, o cineasta espanhol, em seu filme *Dor e Glória* (2019). Pedro e Marques entram nesse caso, são personagens em constante diálogo desse fluxo contínuo. São ambos moradores de uma favela, a chamada vila, na região de Porto Alegre. Uma espécie de gueto excluído da elegante cidade gaúcha. Uma dose de autoficção, conforme apontamos, já que Falero também é de Porto Alegre. Os amigos trabalham em um supermercado na região central da cidade, são supridores, daí o título da obra. Ser supridor é suprir alguém. Ironicamente, o título mostra a profissão deles e ao mesmo tempo aponta para o quanto não são supridos pela sociedade, o quanto o trabalho se revela escravo na mesma linha do eixo de pobreza em que viveu Carolina de Jesus. Ela, ao

menos, supria-se por ser catadora de papéis e nesse sentido dona do próprio suprir ainda que insignificante e também dependente de grandes catadores oficiais das grandes empresas de reciclagem que começavam a aparecer naquela época. Pedro e Marques são serviçais. Assalariados em um supermercado que supre muita gente, mas pouco supre aqueles que lá trabalham. A vigia constante impede, e mesmo assim eles o fazem, que eles usufruam de produtos que desejam, como o pastel desejado pela filha de Carolina. Um item de luxo. Os dois rapazes, no entanto, vão encontrando brechas nas proibições e conseguem comer os chocolates de seus desejos.

Assim como Carolina de Jesus, como apontamos, aposta em palavras poéticas, ou cultas, em seu diário; aqui, José Falero criou esse forte narrador cuja linguagem se diferencia daqueles da vila em que Pedro e Marques vivem. A linguagem é proposital para essa credibilidade narrativa, para que não se menospreze a figura desse narrador. A essa linguagem coloca-se a dos personagens que identificam já na primeira página a cidade onde vivem: “– Bah, é mesmo, tchê? Mas que barbaridade!” (FALERO, 2020, p. 7). Essa é a fala de Sr. Geraldo, o gerente do supermercado Fênix, em que os rapazes trabalham. Não apenas o supermercado existe na região como é possível identificarmos claramente alguns bairros citados na obra. A vila, por exemplo, pouco difere de grandes favelas como as de São Paulo ou do Rio de Janeiro, mas se localiza na periferia de Porto Alegre onde a pobreza impera. Nessa relação, Carolina e Falero deixam claramente abertas as feridas das grandes cidades.

A linguagem, falamos acima, do narrador é culta e inteligente, capta em discurso indireto livre as falas que se espelham em personagens, principalmente em Pedro:

Movido a tabaco e maconha, Pedro via a posse de fogo como uma das coisas mais fundamentais de seu dia a dia. Mas, afinal de contas, como fora esquecer *a porra do isqueiro?* Antes tivesse esquecido de vestir as calças, pelo amor de Deus! (FALERO, 2020, p. 21)

No trecho acima é possível perceber a entrada da fala de Pedro, “a porra do isqueiro”, literalmente já que ela aparece em itálico, mas logo depois o “pelo amor de Deus!” também aponta para Pedro sem que a marcação assim o identifique. Essas entradas estão entremeadas à fala do narrador em si como se vê em “tabaco”, por exemplo. Pedro ou Marques não usariam esse termo.

Se Carolina escreve escolhendo suas próprias palavras, Falero nessa obra também escolhe não as suas, mas as do narrador, a do gerente do supermercado e as dos personagens da vila, os supridores como Pedro e Marques: “- E então, Roberto, beleza? – Beleza, Pedro. Cumé que tá?” (FALERO, 2020, p. 22). Há uma recuperação da oralidade desses personagens e a elas se junta a fala educada e culta do narrador. No diário, Carolina narra e usa diálogos com

personagens de uma maneira similar: com aquelas palavras daquele cotidiano. Já Falero faz diferença. Carolina seria iletrada; o narrador de Falero, nessa obra, não. O autor também não nasceu agarrado aos livros, foi pedreiro, supridor como seus personagens. Mas, assim como seu personagem Pedro, Falero não acredita que apenas alguns possam escrever um livro, exatamente como Carolina de Jesus. Falero continuou muito tempo sendo pedreiro e supridor, outras vezes era um desempregado. Nesse tempo, escrevia e trabalhava. Ou só escrevia. Há pouco tempo conseguiu viver de escritura ou de participações em eventos. Se continuará a escrever, se sua vida mudará, eis algo ainda cedo para colocar em presente. Há, assim, as mesmas razões de pobreza entre Falero e Carolina. Se a obra de sucesso de Carolina é sua própria narrativa, a de Falero não se apresenta assim em que pese o fato de ele ser também um supridor. Um dado interessante que se apresenta em *Os supridores* é a teoria marxista exemplificada de maneira bem simples e esclarecedora, além de colocada em prática por Pedro ao propor aos amigos um negócio em que ninguém seria dono, mas que todo o lucro seria de todos. O rapaz, que vê na única oportunidade de pobres o negócio das drogas, tem a ideia de vender maconha na comunidade já que por conta de drogas mais pesadas ele mesmo e os amigos já não conseguiam comprar a erva. Mas a ideia desse negócio é exatamente tratá-lo a partir da justiça social. Em dado momento, montado o negócio, Pedro sente que precisa de mais gente para esse trabalho. O amigo, Marques, já vê nessa expansão a ideia de que os novos integrantes serão empregados, mas Pedro contraria o amigo:

- As duas pessoa que a gente chamar pra vender a maconha pra gente têm que ganhar a mesma coisa que nós, mano. A gente vai dividir todo o lucro sempre em quatro parte igual.

- Puta que pariu! Não acredito que tu vai cagar tudo com essas tuas ideia fodida!

Pedro suspirou.

- Caralho, Marques, não é só ideologia, sangue bom. Quando tu disse que queria vender maconha comigo, o que tu ia achar se eu quisesse mais dinheiro que tu? Porra, mano, eu tô tentando melhorar a minha vida, porque eu preciso melhorar a minha vida, mas tu também precisa melhorar a tua, então, tipo, cumé que eu ia te oferecer menos grana? Com que cara eu ia te propor uma coisa dessa? (FALERO, 2020, p. 130).

Observa-se no exemplo, além da ideia de divisão dos lucros, a linguagem que denota Pedro e Marques como sendo da região sul por conta do uso de “tu”, mas também de uma fala que não usa a formalidade ou a gramática como no caso de “as duas pessoa”, sem o *s* de plural que de qualquer forma denuncia o narrador, aquele chamado culto, no trecho: “as duas pessoa...têm...”. O verbo com acento explica que se trata de plural e, no entanto, o plural identifica-se em “duas pessoa”. Pode até ser um apontamento para mostrar o narrador ou desapontamento de Falero que deixou passar esse “têm” no plural.

Se voltarmos a *Quarto de despejo*, aquela personagem autora repete muitas vezes o caráter honesto que tem. Em nenhum momento pretende ganhar dinheiro de forma ilícita ainda que oportunidades não lhe faltassem. Havia muitos na favela que Carolina considerava como marginais. E ela sempre corrigia dizendo que nas favelas também havia muita gente honesta, ela era uma delas. Em *Os supridores* essa moralidade está longe de existir. Os rapazes eram trabalhadores, mas observavam no dia a dia as pessoas ganhando dinheiro de forma ilícita, mas eles, de forma honesta, não saíam da situação de pobreza em que se encontravam. Havia sonhos de comer bombons do supermercado e eles não tinham dinheiro ou direito. Carolina doía-se pela filha que queria comer pastel e ter um sapato novo para poder caminhar, mas seguia como catadora. O muito que fazia, muitas vezes, era ter a sorte de alguém doar-lhes alguma coisa. Mesmo ser pedinte era algo a que Carolina não se permitia. Os rapazes e seus amigos também não eram pedintes, eram trabalhadores. Mas nem de longe viam a chance de saírem da vila, daquele bairro miserável, de terem alguma dignidade. Como muitas vezes acontece, recorrer ao uso de drogas é uma saída, o astro-rei desses meninos. Mais que usuários, passaram a vendedores de drogas, era um sonho. Eles se agarraram a isso. E, como Carolina, Falero – na verdade o pseudônimo de José Carlos da Silva Junior – vê as injustiças e suas obras as denunciam. Disse o autor em entrevista a Paulo Nogueira (2020), do Estado de Minas Pensar, para apontar sobre a linguagem usada em sua obra que, a muitos, poderia chocar pela crueza e que, segundo ele, representa as pessoas da periferia, de lugares como o do qual ele vem:

São brancas, a maioria homens, heterossexuais, de classe média alta, as pessoas que produzem literatura no Brasil. Quando o povo brasileiro pega aquilo pra ler, não se enxerga ali em nada.

Nessa última fala de Falero na entrevista, claramente podemos perceber que em sua obra *Os Supridores* há a marca de um lugar de fala afrodescendente apontando para as mazelas de lugares de onde vêm o próprio Falero e Carolina de Jesus. A crítica que o autor coloca em um tipo de literatura, no caso brasileira, mostra que esses falantes, autores literários e críticos literários, não aproveitam para olhar pessoas que estão a sua volta. Pessoas cujas questões sociais estão também impregnadas daquilo que Almeida (2019) especifica em sua obra *Racismo Estrutural*. Nesse sentido, Falero e Carolina de Jesus fazem a denúncia social usando o lugar de fala literário, suas obras, e o lugar de fala também social, entrevistas entre outros.

### **Considerações finais**

Postas as comparações o que arrefece ânimos é perceber que passados 60 anos da obra de Carolina Maria de Jesus encontramos o livro de José Falero apresentando-nos personagens



muito próximos da lida diária do próprio autor que, apesar de serem vítimas do sistema que não as vê, resolvem criar um novo sistema de sobrevivência, um sistema mais justo ainda que usando para isso meios ilícitos.

Se para Carolina a figura do astro-rei marca a nossa leitura, em Falero há uma metáfora que é concedida ao personagem Pedro quando se vê engolido pelo sistema jurídico porque um dos integrantes da narrativa comete traição e ele vai preso e perde para a morte amigos leais, a metáfora da sopa. Avelino, conhecido como Véio, comenta que as coisas não saíram como Pedro e Marques queriam e diz: “Tu salgou demais a tua sopa” (FALERO, 2020, p. 297). A metáfora viera de uma conversa de Avelino tempos atrás com a mãe que dizia que era preciso cuidado para não salgar demais a sopa porque depois era tarde, o sal ali estaria impregnado. Segundo Avelino, a sopa só fica pronta, no entanto, quando se morre e, claro, aí já não se pode fazer mais nada. Enfim, a sopa é a própria vida. E, seguindo pela metáfora, Avelino explicará que nem sempre tudo está perdido se as pessoas, ao perceberem que salgaram demais a sopa, conseguirem colocar batatas na sopa, cenouras na sopa. Dar um jeito para que a sopa fique melhor. Essa metáfora, de fato, é aquela que segura a fé do rapaz, o Pedro, quando é preso e passa na cadeia um bom tempo. Pedro, exatamente como Falero, um dia começa a ler e a ler e a ler. Eis que chega o tempo em que ele consegue escrever um livro cujo nome que se lê é *Os supridores*. Salva-se pela obra, pela obra dentro da obra.

Assim, Falero (Pedro) e Carolina (Carolina) escrevem para poder observar o astro-rei, para poder melhorar a sopa da vida. Para denunciar as mazelas injustas impostas por uma sociedade que procura não enxergar as minorias, os excluídos. Para que possam ao mesmo tempo fazer ver um mundo apagado.

Na lida do tempo do diário, Carolina encerra a obra máxima assim:

“1 de janeiro de 1960 – Levantei as 5 horas e fui carregar água”. (JESUS, 2020, p. 191). Falero encerra a obra dirigindo-se ao outro que o acompanhou com a leitura: “E se tu, leitor, estiveres lendo isto, *três bien*. É porque Pedro conseguiu escrever tudo o que desejava.” (FALERO, 2020, p. 301).

Pedro e Carolina usaram a literatura em um mundo impensável já que como eles mesmos disseram essa arte sempre é feita por homens, brancos, heteros, cis. O que pesa aos leitores é perceber, como apontamos várias vezes neste artigo, que poucas coisas mudaram nessa sopa. Ao menos, cada um deles ofereceu-nos batatas e cenouras e chuchus para que ficássemos menos salgados, aguados e duros. E, nesse sentido, ainda que as duas obras sejam distantes no tempo, elas nos deixam um alerta: como estamos cozinhando?

A julgar, como citamos, pela polêmica acerca da reedição pela editora Companhia das Letras da obra de Carolina Maria de Jesus, entendemos como o professor Acauam Oliveira (2021) que toda a discussão expõe racismo. Assim diz ele:

Pois até mesmo os leitores que reconhecem a grandeza literária de Carolina acreditam que o afastamento da norma culta é um índice de exotização que precisa ser corrigido, que dirá a grande massa de leitores?

De que “exotização” fala o autor? Aquela de alguns que consideram a obra de Carolina como um cânone literário, alguém que recebe um tratamento de inclusão. Assim, como Conceição Evaristo, não importa a grandeza das autoras. Elas sempre estarão excluídas se a linguagem pela qual elas operam não for levada em consideração. A dita forma com que Carolina de Jesus escreve não é alguma coisa exótica, mas um lugar de fala que denuncia a exclusão dentro da própria língua portuguesa que desconsidera o que Lélia Gonzalez (1980) chamou de “pretuguês”.

Excluídos também Pedro e Marques, os supridores de José Falero, se não levarmos em consideração as questões sociais que permeiam suas falas em lugar em que o discurso do mestre, conforme Lacan (1992), segue como um discurso capitalista entre senhores e escravos. E é exatamente essa a questão do personagem Pedro em voltar olhares à divisão dos bens na tão sonhada empresa que constitui, uma empresa em que não há senhores. Todos são chamados ao trabalho. Todos são chamados ao lucro. Não são mais supridores. Providos. Todos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros. 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- BRANDINO, Luiza. A representação do negro na literatura brasileira. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/a-representacao-negro-na-literatura-brasileira.htm>. Acesso em: 02 jul. 2021.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. Prefácio. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 6-8.
- EVARISTO, Conceição. Entrevista. **Roda Viva** de 6/9/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wnu2mUpHwAw>. Acesso em: 07 set. 2021.
- FALERO, José. **Os supridores**. São Paulo: todavia, 2020.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Para compreender a América e o pretuguês**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-compreender-a-amefrica-e-o-pretugues/>. Acesso em: 10 out. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

LACAN, Jacques. **O avesso da Psicanálise**. Seminário Livro 17. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

NOGUEIRA, Paulo. José Falero conquista crítica e público com ‘Os supridores’. Estado de Minas Pensar. 26 de fevereiro de 2021. Disponível em [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna\\_pensar,1241051/jose-falero-conquista-critica-e-publico-com-os-supridores.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2021/02/26/interna_pensar,1241051/jose-falero-conquista-critica-e-publico-com-os-supridores.shtml). Acesso em 03 jul. 2021.

OLIVEIRA, Acauam. Discussão sobre Carolina de Jesus expõe racismo. **Folha de São Paulo**. Caderno Ilustrada, 24 de agosto de 2021, C4.

REVISTA QUATRO CINCO UM. nº48, agosto de 2021, p. 22-23.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo. Jandaíra, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Racismo no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. Orelha à obra Os Supridores. In: FALERO, José. **Os supridores**. São Paulo: todavia, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: todavia, 2018.